
CIBERCIDADES: as tecnologias de comunicação e a reconfiguração de práticas sociais

CIBERCITIES: communication technologies and the reconfiguration of social practices

Gabriela Scroczyński Fontes – gabisrf@hotmail.com

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso - ECCO/UFMT

Icléia Rodrigues de Lima e Gomes – limaegomes@yahoo.com.br

Docente no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso - ECCO/UFMT

RESUMO

Este trabalho traz algumas das características do tempo presente e discute a participação das tecnologias da comunicação na configuração e reconfiguração dos espaços urbanos, assim como das relações e práticas sociais. Tal proposição se baseia na ideia de que, em tempos de modernidade líquida, as cidades, principalmente os espaços urbanos, se modificam constantemente e ganham mais destaque enquanto espaços de fluxo de comunicação. O atual modelo de cidade, a *cibercidade*, consiste numa fusão entre os espaços físicos e virtuais, possibilitada a partir da internet e das diversas ferramentas e dispositivos móveis de comunicação. Neste sentido, os avanços tecnológicos e as novas possibilidades de conexão e comunicação geram inúmeras perspectivas de relacionamento, de se fazer presente no meio social e de se relacionar com a nova estrutura de espaço urbano que vem se formando, assim como com o espaço digital, de forma a (re)configurar espaços e práticas e relações sociais.

Palavras-Chave: Cibercidade. Tecnologia da comunicação. Modernidade líquida. Práticas sociais.

ABSTRACT

This paper brings some of the features of the present time and argues about the involvement of communication technology in the configuration and reconfiguration of urban spaces, as well as relations and social practices. This proposition is based on the idea that, in times of liquid modernity, the cities, especially urban spaces, constantly changing and stand out as spaces of communication flow. The current model of city, the cybercity, consists in the fusion between physical and virtual spaces, which has emerged from the internet and the various tools and mobile communication devices. In this direction, technological advances and new possibilities for connection and communication create numerous perspectives of relationship, to make itself present in the social sphere and to relate to the new structure of urban space that has been forming, as well as with the digital space, in order to (re) configure spaces, and also practical and social relations.

Keywords: Cibercity. Communication technology. Liquid modernity. Social practices.

1. INTRODUÇÃO

O tempo presente é lido, relido, compreendido, interpretado e caracterizado de diversas formas. Diante a essa situação, é possível observar e dizer que hoje se vive em um tempo em que as pessoas querem tudo e querem agora, porém esse tudo não dura para sempre, ele está em constante movimento e renovação.

Apesar de toda essa possibilidade de movimento e mudança, esse trabalho visa apresentar algumas das características do tempo em que se vive agora e propor uma discussão sobre a participação das tecnologias da comunicação na configuração e reconfiguração dos espaços urbanos, assim como das relações e práticas sociais.

Vive-se em um tempo em que a tecnologia – que também avança e se renova a cada dia – e a comunicação merecem certo destaque por estarem tão presentes na vida cotidiana das pessoas de forma a participarem de processos de reconfiguração de práticas sociais e culturais.

Essa visão vai ao encontro da forma como Bauman (2001) enxerga e analisa esse tempo presente, que é designado por ele como ‘modernidade líquida¹’ – que seria oposta a ‘modernidade sólida’. O autor explica que

[...] os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem

¹ É válido ressaltar que o termo utilizado por Bauman (2001) faz referência ao tempo presente, equivale à noção de contemporâneo e/ou pós-moderno utilizada por outros autores.

prendem o tempo. [...] os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenche apenas 'por um momento' (BAUMAN, 2001, p. 8).

O autor também aponta que, hoje, as pessoas vivem uma certa insatisfação constante, no sentido de estarem sempre em busca de algo novo – seja um novo desafio, novos equipamentos eletrônicos, nova aparência, novas formas de se relacionar, etc. É preciso avançar, transgredir, estar a frente do outro e de si mesmo. Aparentemente, pode se dizer que, se não há movimento, não há vida.

Tal insatisfação pode estar relacionada ao fato de hoje existir uma infinita quantidade de possibilidades e oportunidades a serem exploradas. E isso acaba por gerar, nas pessoas, um sentimento de ansiedade e até mesmo receio, pois se existem tantas possibilidades e oportunidades, também passa a existir a necessidade de se fazer escolhas e, conseqüentemente, de se descartar opções.

Nesse sentido – e também reforçando a ideia da fluidez do tempo presente - Bauman (2001) aponta que

Nesse mundo, poucas coisas são predeterminadas, e menos ainda irrevogáveis. Poucas derrotas são definitivas, pouquíssimos contratempos, irreversíveis; mas nenhuma vitória é tampouco final. Para que as possibilidades continuem infinitas, nenhuma deve ser capaz de petrificar-se em realidade para sempre (BAUMAN, 2001, p. 74).

Ou seja, vive-se hoje uma cultura do efêmero, do passageiro, nada mais precisa, obrigatoriamente, durar 'para sempre'. E tal fato se refere aos mais diversos aspectos da vida cotidiana e, principalmente, aos objetos: hoje existe mais facilidade em mudar de emprego, de cidade, de amigos, de aparência, de personalidade; assim como os objetos são praticamente descartáveis: celulares e computadores tornam-se obsoletos em questão de meses ou até de dias, por exemplo. E conforme explica Bauman (2001), esse rápido envelhecimento dos produtos que leva à necessidade de sua substituição é o que gera lucro para as empresas; a ideia não é vender um produto que dure muito tempo, e sim oferecer, e vender, uma infinita quantidade de produtos que tenham um curto "tempo de vida útil".

E, segundo Bauman (2001, p. 71), "[...] viver em meio a chances aparentemente infinitas tem o gosto doce da 'liberdade de tornar-se qualquer um'.". E essa

possibilidade de ser qualquer um esbarra na questão da identidade, que no tempo presente também é líquida e, portanto, pode adquirir vários formatos e características, ela é múltipla. Para o teórico,

As identidades parecem fixas e sólidas apenas quando vistas de relance, de fora. A eventual solidez que podem ter quando contempladas de dentro da própria experiência biográfica parece frágil, vulnerável e constantemente dilacerada por forças que expõem sua fluidez e por contracorrentes que ameaçam fazê-la em pedaços e desmanchar qualquer forma que possa ter adquirido (BAUMAN, 2001, p. 98).

É possível dizer que, em um mundo de infinitas possibilidades de ação, construção e relacionamento, é possível que um mesmo indivíduo transite por diversos espaços, se relacione com diferentes grupos e exerça diversas atividades, de diferentes maneiras.

Desta forma, em cada ambiente o indivíduo pode assumir uma determinada postura. Por exemplo, um indivíduo que trabalhe como professor, quando estiver em seu ambiente de trabalho terá um comportamento diferente de quando está em um restaurante na companhia de amigos. Na sala de aula ele é identificado como professor; em casa é pai/filho/irmão/marido; em uma loja é um cliente; etc.

E, de acordo com Bauman (2001), na atual sociedade de consumo, o sentimento de liberdade está na possibilidade de a pessoa escolher, alterar, transformar a sua identidade, o seu “verdadeiro eu”.

[...] é a capacidade de ‘ir às compras’ no supermercado das identidades, o grau de liberdade genuína ou supostamente genuína de selecionar a própria identidade e de mantê-la enquanto desejado, que se torna o verdadeiro caminho para a realização das fantasias de identidade. Com essa capacidade, somos livres para fazer e desfazer identidades à vontade (BAUMAN, 2001, p. 98).

Ainda na busca por expor sua visão sobre o cenário do atual mundo moderno, o autor aponta que, também em decorrência a essas características já expostas, está ocorrendo uma modificação em algumas Instituições, tais como: família, bairro, comunidades. Elas estão ao mesmo tempo mortas e vivas, ou seja, elas ainda existem, porém estão adquirindo novas características.

Podem ser citados como exemplos disso o fato de as famílias hoje já não serem tão numerosas quanto era a cerca de 50 anos atrás, assim como não serem apenas formadas por mãe, pai e filhos, já que hoje existem vários casais de homossexuais que possuem filhos. Ou o fato de comunidade não significar apenas um grupo de pessoas fixados em um mesmo determinado espaço físico, hoje existem comunidades virtuais que são compostas por membros de diversos locais, porém que possuem algum elemento, característica ou interesse em comum.

As mudanças também podem ser vistas nas cidades e, conseqüentemente, no dia a dia das pessoas como um todo. Pois, por exemplo, o constante avanço e utilização, pelas pessoas, das tecnologias de comunicação participam de forma incisiva na constituição de novos modos de ver, estar, participar e construir espaços urbanos, constituindo-se inclusive novas configurações desses espaços, não apenas no que se refere à estrutura física e material, mas também, no olhar do sujeito que dele participa.

No que diz respeito à comunicação, especificamente à mídia, em relação à cidade, Duarte (2006) destaca que:

O advento da mídia implica numa reformulação profunda do sentido de cidade e nos valores que levam ao deslocamento do desejo de cidades. Os meios de comunicação de massa permitem que se multipliquem e amplifiquem as temporalidades das urbes (DUARTE, 2006, p. 109).

Ele ainda afirma que os meios de comunicação contemporâneos possibilitam que se criem várias cidades (ou imagens de cidade) a partir da mesma cidade. Por exemplo, Rio de Janeiro é, ao mesmo tempo, a cidade maravilhosa e a cidade das grandes favelas e da violência.

Essa imagem midiática é um reflexo da cidade possível, uma imagem que se constrói com aspectos reais, mas que cria uma temporalidade e um sentido próprio descolado do sentido do vivido, e que retorna para o vivido redimensionando sua existência (DUARTE, 2006, p. 109).

E em relação à existência de uma cidade, o teórico também aponta que condições geográficas, históricas, tecnológicas e elementos simbólicos são responsá-

veis por traçar as condições físicas de sua existência; e que existe um movimento social coletivo que também ajudar a moldar (e remoldar) o espaço urbano e a criar novas perspectivas.

Segundo o autor, “Cada salto de complexidade de uma sociedade pelo agenciamento de uma técnica, faz emergir uma nova condição de cognição coletiva no mundo e por sua vez novos desejos gestados a partir desse novo referencial coletivo de pensar” (DUARTE, 2006, p. 105).

Duarte (2006) também estabelece uma relação entre o homem, as tecnologias e as cidades ao dizer que “O homem constrói tecnologias que constroem o homem e seus espaços” (DUARTE, 2006, p. 112). Ou seja, trata-se de um processo em cadeia. Essa relação estabelecida pelo teórico, somada às características do tempo presente, apontadas por Bauman (2001), - como as infinitas possibilidades e as constantes mudanças e avanços - permitem se que diga que se trata de um processo infinito, ou seja, ao longo do tempo o homem construirá novas tecnologias que construirão novos homens e novos espaços.

2. A PARTICIPAÇÃO DA TECNOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DE NOÇÕES DE TEMPO, ESPAÇO E CULTURA

No que se refere ao homem, tecnologias, comunicação e cidades, a internet, enquanto ferramenta tecnológica que possibilitou o surgimento do ciberespaço, e o próprio ciberespaço merecem certo destaque. É necessário salientar que a internet se diferencia dos meios tradicionais pela potencialização da interatividade e pela possibilidade de participação ativa do usuário; pela forma não-linear de produção de conteúdo e divulgação/disseminação de informação; apresentação e controle dos materiais e pela facilidade em publicação de conteúdo. Seu advento e a chamada revolução digital provocaram tanto mudanças sociais quanto comunicacionais e disponibilizaram, entre outros benefícios, opções de produção, consumo e compartilhamento de informações ao possibilitar a convergência midiática, ou seja, a união do texto, som, imagem e telefonia em uma única mídia.

Trata-se de uma tecnologia que favorece a difusão ampla de informação, conhecimento e relações interpessoais. Neste sentido, se propõe neste ensaio uma

reflexão acerca do processo que permite reconfigurações de práticas sociais a partir das tecnologias de comunicação.

Dessa forma, a internet é a principal tecnologia (atual) direcionada à comunicação e informação, pois ao possibilitar o surgimento do ciberespaço e a modificação da fórmula estática: emissor–mensagem–receptor, permite que o usuário também produza a mensagem. Contribuindo assim para democratizar os processos comunicacionais.

Para Lévy (2005, p. 367) “[...] a internet propõe um espaço de comunicação inclusivo, transparente e universal”, pois permite que qualquer usuário deixe de ser apenas receptor e passe a ser emissor, participando ativamente do processo comunicativo. Afinal, o que essa nova mídia “[...] oferece ao consumidor é precisamente a mais ampla liberdade de expressão (espaço Web, fóruns de discussão etc.) e de navegação” (LÉVY, 2005, p. 371). Ou seja, ela está causando uma revolução social ao dar novas alternativas de se estabelecer algum tipo de comunicação.

Contudo, é importante ressaltar que a tecnologia, por mais avançada que seja só evolui e modifica o meio social após ser idealizada e concretizada por um grupo da sociedade. De acordo com Castells (2005),

A internet é um instrumento que desenvolve, mas que não muda os comportamentos; ao contrário, os comportamentos apropriam-se da internet, amplificam-se e potencializam-se a partir do que são (CASTELLS, 2005, p. 273).

Ou seja, as trocas de informações e as relações estabelecidas através desse meio existiam anteriormente, mas de forma diferente, elas foram adaptadas para o meio digital e ganham novas características proporcionadas por ferramentas e suportes disponibilizados na internet.

Porém não só a comunicação e a informação sofreram impactos, o avanço tecnológico e digital gerou novos hábitos sociais e culturais. Para Castells (2005), a sociedade contemporânea é uma sociedade globalizada centrada no pleno aproveitamento de informação e do conhecimento. Nesse sentido, Martín-Barbero (2005, p. 60) mostra que essa sociedade “[...] é ao mesmo tempo um movimento de potencia-

lização da diferença e de exposição constante de cada cultura às outras, de minha identidade àquela do outro”.

A tecnologia da informação e da comunicação transformou o sentido de lugar no mundo, e passou-se a ter uma nova noção do espaço. Pessoas de diferentes países, culturas, línguas passam a se relacionar através da rede. Ao viabilizar a conexão com qualquer parte do mundo em tempo real, o ciberespaço aniquilou as distâncias impostas pela geografia e permitiu tentar controlar o tempo. Para Pierre Lévy (2005),

As mídias não se ligam mais a um público localizado, mas a uma comunidade virtual distribuída por toda a parte no mundo de ouvintes, expectadores, leitores, contribuintes. Assim, as singularidades locais universalizam-se e todos os pontos de vista estão virtualmente presentes em cada ponto da rede (LÉVY, 2005, p. 373).

Nesse sentido, o ciberespaço passa a ser um local de consolidação, expressão e ligação entre os processos, interesses, valores e instituições sociais, econômicas, políticas e culturais. Para Lévy (1999), o ciberespaço é o fruto de um verdadeiro movimento social, que tem em sua liderança a juventude metropolitana escolarizada. O autor ainda aponta que:

Símbolo e principal florão do ciberespaço, a internet é um dos mais fantásticos exemplos de construção cooperativa internacional, a expressão técnica de um movimento que começou por baixo, constantemente alimentado por uma multiplicidade de iniciativas locais (LÉVY, 1999, p. 126).

Ele aponta, ainda, que esse espaço tem como objetivo estabelecer uma nova relação entre as pessoas, através de qualquer tipo de ligação física. E que “[...] três princípios orientam o crescimento inicial do ciberespaço: a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva” (LÉVY, 1999, p. 127).

Ainda segundo o autor, o ciberespaço é considerado como um meio mais inclusivo que os demais meios de comunicação por permitir a expressão pública aos diversos grupos e indivíduos, assim como por proporcionar que qualquer pessoa tenha acesso a uma maior quantidade de informação. Conseqüentemente, “[...] po-

derão se revelar cidadão mais bem informados, politicamente mais ativos e socialmente mais conscientes que os cidadãos *off line*” (LÉVY, 2005, p. 376).

Seguindo o raciocínio de Castells (2005), é possível desenvolver, dentro do ciberespaço, novas formas de relação social, que se originam fora dele, mas que não sobreviveriam sem ele. No sentido de que, dificilmente comportamentos e relações inexistentes fora do ciberespaço passarão a existir dentro dele.

Ainda para Castells (2005, p. 286), a internet é o meio de comunicação que “[...] constitui a base material e tecnológica da sociedade em rede”, à medida que processa a virtualidade e a transforma em realidade. Ele percebe a internet como sendo sociedade e que expressa os processos, interesses, valores e instituições sociais.

[...] é a infra-estrutura tecnológica e o meio organizativo que permitem o desenvolvimento de uma série de novas formas de relação social que não têm sua origem na Internet, que são fruto de uma série de mudanças históricas, mas que não poderiam desenvolver-se sem a Internet. Esta sociedade em rede é a sociedade que eu analiso como uma sociedade cuja estrutura social foi construída em torno de redes de informação a partir da tecnologia de informação microeletrônica estruturada na Internet (CASTELLS, 2005, p. 286-287).

Dentro dessa sociedade o que se busca é uma conexão social (seja através de troca de *e-mails*, listas de contatos, blogs, fóruns, comunidade virtuais de relacionamentos, programas de conversação em tempo real, etc.), isso expressa a necessidade de estar inserido e ser um agente ativo no mundo virtual e deter e divulgar informação. Para Lévy (1999),

O desenvolvimento do digital é, portanto, sistematizante e universalizante não apenas em si mesmo, mas também, em segundo plano, a serviço de outros fenômenos tecno-sociais que tendem à integração mundial: finanças, comércio, pesquisa científica, mídias, transportes, produção industrial, etc. (LÉVY, 1999, p. 113).

Ou seja, os avanços tecnológicos e as novas possibilidades de conexão e comunicação disponíveis nos dias de hoje, levam a uma outra alternativa de relacionamento, de se fazer presente no meio social. A cibercultura, do virtual, passa a coexistir com o real e com as formas tradicionais de se comunicar. De acordo com Lé-

vy (1999), a cibercultura é um movimento social e cultural propagado pelo ciberespaço cada vez mais potente e vigoroso, e converge sobre uma forma de comunicação não midiática, interativa, comunitária, transversal e rizomática.

Contudo, é válido ressaltar o pensamento de Santaella (2003), de que não se deve julgar que essas transformações culturais sejam apenas frutos de novas tecnologias e novos meios de comunicação e cultura, mas também dos

[...] tipos de signos que circulam nesses meios, os tipos de mensagens e processos de comunicação que neles se engendram os verdadeiros responsáveis não só por moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos, mas também por propiciar o surgimento de novos ambientes socioculturais (SANTAELLA, 2003, p. 24).

Santaella (2003) vê a atual situação comunicacional e cultural como uma união de vários fatores. Tanto que afirma que hoje a cultura de massa, a cultura das mídias e a cultura digital coexistem e devem ser distinguidas, no sentido de evitar confusões. Porém, a autora ressalta que, mesmo que se necessite perceber essas distinções,

[...] não podem nos levar a negligenciar o fato de que hoje vivemos uma verdadeira confraternização geral de todas as formas de comunicação e de cultura, em um caldeamento denso e híbrido: a comunicação oral que ainda persiste, no design, por exemplo, a cultura de massas que também tem seus pontos positivos, a cultura das mídias, que é uma cultura do disponível e a cibercultura, a cultura do acesso. Mas é a convergência das mídias, na coexistência com a cultura de massas e a cultura das mídias, estas últimas em plena atividade, que tem sido responsável pelo nível de exacerbação que a produção e circulação da informação atingiu nos nossos dias e que é uma das marcas registradas da cultura digital” (SANTAELLA, 2003, p. 27-28).

Nesta mesma linha de argumentação, Lemos (2005, p. 1) compreende por cibercultura “[...] as relações entre as tecnologias informacionais de comunicação e informação e a cultura, emergentes a partir da convergência informática/telecomunicações na década de 1970”. E que esta é caracterizada por três leis fundadoras, que seriam a liberação do polo da emissão, o princípio de conexão em rede e a reconfiguração de formatos midiáticos e práticas sociais.

Entretanto, este aparato tecnológico que tanto permite o emergir da cibercultura quanto a própria cibercultura participam de forma incisiva na constituição de

novos modos de ver, estar, participar e construir espaços urbanos, constituindo-se inclusive novas configurações desses espaços, não apenas no que se refere à estrutura física e material, mas também, no olhar do sujeito que dele participa.

2.1 A presença das tecnologias móveis de comunicação na configuração e manutenção das cibercidades

É possível dizer, que nesses tempos de modernidade líquida, as cidades, principalmente os espaços urbanos se modificam constantemente e ganham mais destaque enquanto espaços de fluxo de comunicação. Em relação às cidades, Duarte (2006) afirma que:

[...] poderíamos dizer que uma cidade é um conjunto de tempos criados coletivamente, num espaço que se desdobra gradativamente; mesclando a memória de um marco zero ecossistêmico, político e econômico, com o sonho de futuros, através do agenciamento dos movimentos de seu desejo em constante devir (DUARTE, 2006, p.113).

Nesse mesmo sentido, partindo da compreensão de Lemos (2004a, p. 1) quando o mesmo afirma que as cidades “[...] são artefatos que se desenvolvem sempre em relação às redes técnicas e sociais.”, quando se pensa na cidade contemporânea, é preciso ter a clareza de que esta é resultado, também, de impactos da cibercultura, o que gerou – e continua gerando – uma reconfiguração do espaço urbano e na forma como as pessoas vivem e se relacionam umas com as outras nesses espaços, assim como na forma como essas mesmas pessoas se relacionam com esse espaço em si.

Ainda segundo o autor, essa cidade contemporânea tem o ciberespaço enquanto nova rede técnica e as diversas formas de sociabilidade *online* formam uma nova rede social. A união e constante mudança dos elementos das redes técnicas e sociais são responsáveis pelas mudanças nas cidades.

Esse novo modelo de cidade recebe diferentes nomenclaturas - cidades digitais, cibercidades, cidade-ciborgue - que fazem referência à transformação das cidades contemporâneas a partir do avanço tecnológico, principalmente relacionado à informação e comunicação.

Tal modelo de espaço urbano consiste numa fusão entre os espaços físicos e virtuais, possibilitada a partir da internet, do ciberespaço e das diversas ferramentas e dispositivos móveis de comunicação que possibilitam que se conecte a ela. Segundo Souza e Jambeiro (2005),

A partir das novas tecnologias das redes digitais de informação e comunicação, que penetraram no Estado e na Sociedade Civil, constituíram-se novas formas de interatividade, que interligaram diferentes sujeitos em pontos distintos de espaço e tempo. As cidades informacionais são formas de interações do espaço urbano com estas redes digitais de comunicação e informação (SOUZA; JAMBEIRO, 2005, p. 10).

Os autores ainda afirmam que a relação entre cidades e o ciberespaço pode ocorrer de diversas formas, como pela relação entre comunidades territoriais com comunidades virtuais, assim como “[...] por meio da *substituição* das funções da cidade clássica pelos meios técnicos do ciberespaço” (SOUZA; JAMBEIRO, 2005, p. 5, grifo do autor).

A possibilidade de se fazer compras e transações bancárias em casa, utilizando a internet, podem servir como exemplos de serviços que anteriormente só eram oferecidos em espaços reais nas cidades - lojas e bancos – e que hoje também estão presente no espaço virtual. Ou seja, a presença física já não é mais necessária para exercer algumas atividades ou ter acesso a certos serviços.

Quando se fala em cibercidades é necessário compreender que

Não se trata da emergência de uma nova cidade, ou da destruição das velhas formas urbanas, mas de reconhecer a instauração de uma nova dinâmica de reconfiguração que faz com que o espaço e as práticas sociais das cidades sejam reconfiguradas com a emergência das novas tecnologias de comunicações e das redes telemáticas (LEMOS, 2004a, p. 2).

Ou seja, o que passa a existir é uma inter-relação entre os espaços físicos e os espaços virtuais. A cibercidade é uma cidade que se torna um ponto de convergência e dispersão de informações, que através da tecnologia da informação e comunicação consegue conectar o local ao global.

Hoje, por meio dos diversos dispositivos eletrônicos, o espaço de lugar é complexificado pelo espaço de fluxo: relações estabelecidas

online repercutem em encontros reais, compras e *home banking* interferem no dia-a-dia da cidade de concreto e aço, ativistas usam a rede para organizar manifestações políticas ou hedonistas como as atuais *flash mobs*. Na cidade-ciborgue, o espaço virtual está em sinergia com o espaço de lugar (LEMOS, 2004b, p. 136).

Essa nova estrutura de cidade possui uma sociedade que tem sua atenção voltada para a comunicação e informação. A noção de pertencimento a essa sociedade passa pela necessidade de se estar, quase a todo o momento, conectado ao mundo, emitindo e consumindo informações. As pessoas buscam facilitar o acesso do outro a elas e estão em constante interação umas com as outras. Tanto que Lemos afirma que

Se na era da modernidade industrial ser excluído significava estar fora do círculo do consumo de produtos, bens e serviços, na cidade-ciborgue da era pós-industrial ser excluído significa não ter instrumentos materiais e/ou cognitivos para surfar o mundo do ciberespaço, para interagir de forma autônoma com o fluxo cada vez mais crescente de informações digitais em rede (LEMOS, 2004b, p. 143).

Ainda amparado em Lemos (2007), é possível compreender que essa nova configuração social é influenciada e possibilitada, principalmente, pelas tecnologias móveis. Ou seja, a tecnologia de internet *wi-fi*, internet móvel, celulares e outros equipamentos portáteis que possuem acesso à internet são responsáveis por possibilitar essa constante conexão. Conforme Pellanda (2009),

Aparelhos como o *Blackberry* começam a popularizar o uso do *e-mail* com serviços *push*, que proporcionam o recebimento instantâneo de mensagens. Para a navegação em páginas da web, aparatos como o *iPhone* começam a viabilizar o acesso ubíquo e outros *smartphones* seguem o caminho aumentando a competição” (PELLANDA, 2009, p. 12).

E, dessa maneira, se torna possível dizer que essa quantidade de ferramentas tecnológicas disponíveis hoje, como celulares, conexão *wi-fi*, estão modificando a sociabilidade no espaço urbano e redefinindo os espaços. Nesse mesmo sentido, Bauman (2001) afirma que:

Quando a distância percorrida numa unidade de tempo passou a depender da tecnologia, de meios artificiais de transporte, todos os limites à velocidade do movimento, existentes ou herdados, poderiam, em princípio, ser transgredidos. Apenas o céu era agora o limite, e a

modernidade era um esforço contínuo, rápido e irrefreável para alcançá-lo (BAUMAN, 2001, p. 16).

Sendo assim, através de equipamentos móveis com acesso à internet, por exemplo, as pessoas podem estar em mais de um lugar ao mesmo tempo. Durante um momento de lazer em um bar a pessoa pode também estar fazendo transações bancárias, compras em lojas e compartilhando informações em *sites* de redes sociais, por exemplo. Ou seja, essas tecnologias móveis de comunicação estão possibilitando que haja uma conexão entre real e virtual. Segundo Bauman (2001),

[...] o advento do telefone celular serve bem como 'golpe de misericórdia' simbólico na dependência em relação ao espaço: o próprio acesso a um ponto telefônico não é mais necessário para que um ordem seja dada e cumprida. Não importa mais onde está quem dá a ordem – a diferença entre 'próximo' e 'distante', ou entre o espaço selvagem e o civilizado e ordenado, está a ponto de desaparecer (BAUMAN, 2001, p. 18).

Nessa mesma linha de pensamento, Lemos (2007) ainda aponta que as tecnologias de comunicação móveis podem ser desterritorializante, assim como podem servir como ferramentas de territorialização. Partindo do entendimento que:

Definimos território através da idéia de controle sobre fronteiras, podendo essas serem físicas, sociais, simbólicas, culturais, subjetivas. Criar um território é controlar processos que se dão no interior dessas fronteiras. Desterritorializar é, por sua vez, se movimentar nessas fronteiras, criar linhas de fuga, re-significar o inscrito e o instituído (LEMOS, 2007, p. 4).

É possível dizer que essas tecnologias são desterritorializantes a medida que possibilitam processos nômades, a partir do momento em que permitem a mobilidade, principalmente das informações, o que significa que favorecem a criação de linhas de fuga no que diz respeito a um certo controle global de informações que existia anteriormente. E são territorializantes no sentido de que elas permitem que as pessoas tenham um maior controle sobre o espaço e o tempo. Com o uso dessas tecnologias móveis de comunicação as pessoas conseguem quebrar a barreira espaço/tempo e agilizar/acelerar o processo de comunicação, independente do local físico onde estão e passam a controlar informações. Com o auxílio tecnológico

“Qualquer espaço pode transformar-se no ‘meu território’ já que passo a controlá-lo informacionalmente” (LEMOS, 2007, p. 11).

3. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Em outras palavras, o uso dessas tecnologias móveis de comunicação está modificando o modo de viver das pessoas nas cibercidades, alterando velhos hábitos e criando novos. O teletrabalho, as tele/videoconferências, o ensino à distância via internet, as comunidades virtuais são alguns exemplos disso.

Essa nova possibilidade de estrutura de cidade do tempo presente possui uma sociedade que tem sua atenção voltada para a comunicação e informação. A noção de pertencimento a essa sociedade passa pela necessidade de se estar, quase a todo o momento, conectado ao mundo, emitindo e consumindo informações.

As pessoas buscam facilitar o acesso do outro a elas e estão em constante interação umas com as outras. E é imprescindível que essas ações ocorram da maneira mais rápida possível, nada pode esperar, a novidade se torna notícia velha em poucos minutos. E é nesse sentido que Bauman (2001, p. 147) aponta que o tempo presente é uma era da instantaneidade, que promove mudanças na

[...] modalidade do convívio humano – e mais conspicuamente o modo como os humanos cuidam (ou não cuidam, se for o caso) de seus afazeres coletivos, ou antes o modo como transformam (ou não transformam, se for o caso) certas questões em questões coletivas.

Ou seja, os avanços tecnológicos e as novas possibilidades de conexão e comunicação disponíveis nos dias de hoje, levam a uma gama de possibilidades de relacionamento, de se fazer presente no meio social e de relacionar com a nova estrutura de espaço urbano que vem se formando, assim como com o espaço digital. E o sentimento de insatisfação que existe no tempo presente, assim como a ânsia por mudanças e pelo novo farão com que esse processo de comunicação e interação entre indivíduos e espaço se mantenha em constante movimento.

Diante desse cenário aqui exposto, não seria muita ousadia dizer que as cidades “travariam” sem os diversos equipamentos e ferramentas que hoje a caracterizariam como uma cibercidade e que tendo à mão um celular com capacidade de

acesso à internet, uma pessoa pode se sentir, praticamente, em casa, mesmo estando longe dela. Afinal, como afirma Pellanda (2009), o celular, hoje, é uma casa móvel.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CASTELLS, M. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, D. (Org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 255-287.

DUARTE, E. Desejo de cidade – múltiplos tempos, das múltiplas cidades, de uma mesma cidade. In: PRYSTON, A. (Org.). **Imagens da cidade: Espaços urbanos na comunicação e cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

LEMONS, A. Cibercidades: um modelo de inteligência coletiva. In: _____. (Org.). **Cibercidade**. As cidades na cibercultura. Rio de Janeiro: Editora e-papers, 2004a. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons/modelo.pdf>>. Acesso em: 8 dez. 2012.

_____. Cidade-ciborgue: a cidade na cibercultura. **Galáxia**, São Paulo, n. 8, out. 2004b.

_____. **Ciber-Cultura-Remix**. 2005. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons/remix.pdf>>. Acesso em: 30 mai. 2012.

_____. Ciberespaço e Tecnologias Móveis: processos de Territorialização e Destruturalização na Cibercultura. In: MÉDOLA, A.; ARAÚJO, D.; BRUNO, F. (Org.). **Imagem, visibilidade e cultura midiática**. Porto Alegre: Sulina, 2007. p. 277-293. Disponível em: <<http://www.andrelemons.info/artigos/territorio.pdf>>. Acesso em: 8 dez. 2012.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. Pela ciberdemocracia. In: MORAES, D. (Org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 367-384.

MARTÍN-BARBERO, J. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, D. (Org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 57-86.

PELLANDA, E. Comunicação móvel no contexto brasileiro. In: LEMOS, A.; JOS-GRILBERG, F. **Comunicação e mobilidade**: aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2009.

SANTAELLA, L. Das culturas das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 22, p. 23-32, dez. 2003.

SOUZA, L.; JAMBEIRO, O. **Cidades informacionais**: as cidades na era da informação. 2005. Disponível em:
<http://www.cinform.ufba.br/vi_anais/docs/LeandroSouza.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2012.